



Estadão, Estadinho e eu

Heloisa Pait*

A primeira vez que o Estadão publicou algo meu eu era tão pequena que foi minha mãe que guardou. Um pequeno trecho sobre nossa nova cobertura na Vila Madalena, meu encanto talvez menos pelo espaço que por condensar os esforços diários de meus pais tantas vezes convertidos em ausências.

Na verdade, Estadinho.

No ano seguinte publicaram texto inteiro! Uma fábula de Natal, golfinhos ao invés de renas, a família reunida ao invés de presentes.

Pois na nossa família, na sua também, talvez em todas, sempre houve renúncias para o progresso, cada luxo um custo. O jeitinho e a malemolência fantasia de romance, conceitos abstratos. Na vida real, tudo pago com cheques.

Mas queria falar do Estadinho. Quem publicou os dois textos? Quem falou “Esse aqui!”? O editor.

Alguém incumbido de ler, separar, escolher, imprimir.

Parece que esse alguém sumiu hoje nos blogs, nas redes sociais, na imensidão da Internet que os especialistas juram ser controlada por algoritmos que escrutinam escolhas, mapeiam textos, oferecem interesses.

Será?

Que felicidade então essa em receber um sim do editor hoje? Que euforia se o texto eu posso compartilhar em *blogs*, *páginas*, *posts*, que felicidade essa de alguém que, a certa altura, quis tão mais?

Enfim vão ler! O texto existe! Minhas ideias contam! Exclamações que dançam na cabeça do escritor quando recebe a boa nova: “Publico amanhã, tudo bem?” Atestado de vida.

A editora americana que se mudou para o Texas. O editor da revista com a idade da sua mãe que te cantou, sem culpa nem perversão. A jovem editora que aprende com você. O editor do Estadinho que você nunca agradeceu.

Mediadores nem neutros nem justos – gente com gostos, agendas, receios, mas fundamentalmente gente – entre você e essa coisa distante que é o leitor.



O editor da revista pornográfica que garante já ter publicado muito texto da sua professora de redação...

O editor da revista na Internet que conhece seu irmão e te dá carta branca. O da Costa do Marfim que fechou a editora online e deixou seus textos órfãos.

E o que se desculpou por ter deixado passar seu texto que bombou na internet e você educada responde: “Magina, foi até melhor, ficou assim tipo um *Samizdat*...”

Mas era mentira.

Eu queria ter publicado no Estadão.

* **Heloísa Pait** é Doutora em Sociologia pela New School for Social Research. Professora da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Araraquara e escritora. Atualmente ensina Cultura Brasileira na Chatham University, em Pittsburgh, Estados Unidos, pela Fulbright.